



A IMPORTÂNCIA DOS CLÁSSICOS INFANTIS PARA O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR À LUZ DO PACTO NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA

Marcela Freitas Felipe Ramos

Universidade Federal da Paraíba

marcelaf.portugues@gmail.com

RESUMO

Diante da preocupação com o incentivo à leitura desde os anos iniciais, torna-se eficaz trabalhar com metodologias peculiares a esta fase. Neste viés, o presente artigo tem por objetivo debater sobre a importância da abordagem do ensino da leitura por meio dos contos clássicos infantis mediante à proposta do Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Por meio desses contos, as crianças, além de aprenderem brincando, despertam o interesse pela leitura e promovem seu desenvolvimento sociocognitivo. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, cujas análises são embasadas no método hipotético dedutivo, dialogando as teorias de estudiosos como Bruno Bettelheim (2002), PNAIC (2015), COELHO (2005). O texto apresenta como os contos de fadas surgiram, sua importância como meio didático de aprendizagem e uma entrevista com uma professora alfabetizadora do Pacto que falou sobre a experiência com esses gêneros literários na aquisição da leitura. Os resultados adquiridos foram preponderantes para aferir que o ensino dos clássicos infantis auxiliam no desenvolvimento do ser humano, bem como no seu âmbito social, estimulando o gosto de ler.

Palavras-chave: Contos clássicos infantis, leitura, literatura, PNAIC.

1 INTRODUÇÃO

Vale ressaltar que a leitura não é uma ação individual, o leitor sempre é participante de um grupo social e levará para esse meio elementos de suas leituras, do seu conhecimento de mundo, da sua cultura.

Quando lemos um texto, não interagimos literalmente com ele e sim com leitores virtuais que são formados durante o ato da escrita. O texto exerce função de mediador entre esses sujeitos.

Para um bom ensino de leitura, o professor deve planejar como deverá ser a abordagem desse processo. É importante dispor de vários recursos didáticos, porém, se ele não pensar no ensino a partir do aluno, certamente não formará cidadãos leitores.

Pensando no incentivo desde os primeiros anos, temos a Literatura Infantil e nesse viés podemos contar com os Contos Clássicos para o processo de ensino-aprendizagem. A priori, esses contos foram destinada ao público adulto com o intuito de demonstrar que a vida não

tinha nada de fácil e só com um certo tempo, as obras foram adaptadas para o público infantil. O sabor pela leitura dessas produções pode ser incentivado dentro do convívio familiar ou em outras esferas. A sua presença é indispensável nos primeiros anos de vida, inclusive no âmbito escolar, contribuindo na construção do cidadão, bem como, no desenvolvimento da aprendizagem dos educandos.

A criança deve perceber que a leitura é uma ação prazerosa, indispensável e precisa constatar que os adultos possuem uma certa interação com o mundo literário. Assim, a escola é um espaço favorável para esse contato com os Contos Clássicos Infantis e proporciona a inclusão dos estudantes na relação entre o imaginário e o real por meio da ludicidade.

O professor como agente mediador deve promover com entusiasmo as diversas significações de sentido provenientes nas obras. Dessa forma, a fantasia e a inventividade trabalhadas adequadamente corroboram no processo de letramento e alfabetização nos anos iniciais, compreendendo o mundo real, inclusive suas emoções e a relação com o outro.

Diante disso, os educadores precisam expandir as fronteiras do seu conhecimento, pois os contos não se restringem aos encantamentos, logo, devem aproveitar ao máximo todas as inferências presentes para incentivar a leitura de modo significativo.

Os resultados adquiridos foram preponderantes para aferir que o ensino dos clássicos infantis auxiliam no desenvolvimento do ser humano, bem como no seu âmbito social, estimulando o gosto de ler.

2 OS CONTOS CLÁSSICOS INFANTIS

No final do século XVII, o poeta e escritor francês Charles Perrault (1628-1703) que também prestou serviço ao rei Luiz XIV, adaptou as narrativas de cunho folclórico contadas pelos camponeses, serventes, dentre outros trabalhadores populares com o intuito de se adequarem às sessões solene da corte.

Conforme descreve BETTELHEIM (2002, p.14) “a maioria dos contos de fadas se originou em períodos em que a religião era parte muito importante da vida; assim, eles lidam, diretamente ou por inferência, com temas religiosos”.

Diante disso, os chamados “contos de fadas” eram relatos das vivências pertinentes às camadas mais populares do reino, repletos de peripécias, confusões, intempéries e pornografias. Logo, eram inapropriado para as crianças.

Para os pequeninos, torna-se importante e atraente o mundo dos clássicos infantis, tendo em vista que de alguma maneira, remetem a uma

esperança para seus temores e aspirações, pois em seu universo imaginário projetam suas vidas nas histórias dos personagens, visando resolver seus problemas.

Defendendo a leitura dos contos de fadas como experiência de significação e sentido, Bettelheim (1992, p.32) confere: “qualquer outra forma de literatura, dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação, e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais seu caráter”.

Concomitantemente as crianças quando leem se divertem e desenvolvem sua personalidade, como discorre:

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança (BETTELHEIM, 1992, p. 20).

Diante disso, existe um questionamento sobre a função dos contos infantis, se eles são participantes da arte ou estão ligados à pedagogia. Baseado nessa interrogação, podemos compreender da seguinte maneira:

Entretanto, se analisarmos as grandes obras que através dos tempos se impuseram como “literatura infantil”, veremos que pertencem simultaneamente a essas duas áreas distintas (embora limítrofes e, as mais das vezes, interdependentes): a da arte e a da pedagogia. Sob esse aspecto, podemos dizer que, como objeto que provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo, modifica a consciência de mundo do seu leitor, a literatura infantil é arte. Sob outro aspecto, como instrumento manipulado por uma intenção educativa, ela se inscreve na área da pedagogia. (COELHO, 2000, p. 46).

Conforme a exposição proposta por Coelho, podemos aferir que a Literatura infantil é relacionada tanto ao campo da pedagogia, quanto o da literatura. No primeiro, podemos enxergá-la como um objeto capaz de ser manipulado com um intuito educativo; e ao segundo, possui a aptidão de trabalhar a consciência de mundo, concedendo prazer e divertimento no momento da leitura.

O professor tem um papel fundamental como mediador na Educação Infantil em diversos aspectos, inclusive na apresentação da leitura, pois deve demonstrar entusiasmo para que aflore o gosto dessa prática aos pequenos, como afirma Kleiman (2007, p. 15): “Para formar leitores devemos ter paixão pela leitura”.

Diante as ideias apresentadas, podemos concluir que os clássicos infantis auxiliam no desenvolvimento sociocognitivo ao mesmo tempo que eles ficam fascinados pelo mundo da leitura e o incentivo do professor como mediador no processo dessa aprendizagem, torna-se de suma importância.

3 CONTEXTUALIZANDO O PACTO

O Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) é um compromisso formado em parceria com o governo federal, Distrito, estados e municípios brasileiros. Seu objetivo é tornar as crianças alfabetizadas até o 3º ano do ensino fundamental, inclusive aos oito anos de idade. Desse modo, conforme o processo de alfabetização do Pacto:

Aos oito anos de idade, as crianças precisam ter a compreensão do funcionamento do sistema de escrita; o domínio das correspondências grafofônicas, mesmo que dominem poucas convenções ortográficas irregulares e poucas regularidades que exijam conhecimentos morfológicos mais complexos; a fluência de leitura e o domínio de estratégias de compreensão e de produção de textos escritos. (BRASIL, 2012). Disponível em: < <http://pacto.mec.gov.br/o-pacto>>. Acesso: 9 de nov. 2015.

Diante disso, a proposta viabiliza que a criança aos seus oito anos possua fluência na leitura e textos escritos, levando em consideração as táticas de produção e compreensão. Também, deve compreender como o sistema da escrita funciona e as relações entre som e grafia, mesmo que seja improfícuo o domínio de convenções ortográficas irregulares e de regularidades que requerem um grau maior de complexidade morfológica.

Para tal ação o PNAIC conta com uma estrutura que “[...] é composta por dois formadores diretamente sintonizados com os objetos de estudo e com a sala de aula, ou, como dizemos, com o chão da escola.” (BRASIL, 2015, p. 24). Baseado nesse triângulo, explicando melhor a função de cada um, temos que: os formadores, eles estão ligados às universidades públicas brasileiras e são responsáveis pela realização do processo de capacitação dos orientadores de estudo; assim, os orientadores de estudo são os responsáveis por ministrarem o curso de formação para os professores alfabetizadores, bem como verificar como está o andamento das ações em sala de aula; e os alfabetizadores são os docentes que estão diretamente ligado aos alunos em sala de aula.

Para o desenvolvimento do trabalho pedagógico, o PNAIC postulou quatro princípio norteadores para auxiliar nesta ação, são eles:

1. o Sistema de Escrita Alfabética é complexo e exige um ensino sistemático e problematizador;
2. o desenvolvimento das capacidades de leitura e de produção de textos ocorre durante todo o processo de escolarização, mas deve ser iniciado logo no início da Educação Básica, garantindo acesso precoce a gêneros discursivos de circulação social e a situações de interação em que as crianças se reconheçam como protagonistas de suas próprias histórias;
3. conhecimentos oriundos das diferentes áreas podem e devem ser apropriados pelas crianças, de modo que elas possam ouvir, falar, ler, escrever sobre temas diversos e agir na sociedade;
4. a ludicidade e o cuidado com as crianças são condições básicas nos processos de ensino e de aprendizagem. Disponível em: < <http://pacto.mec.gov.br/o-pacto>>. Acesso: 9 de nov. 2015.

Observamos que de acordo com os eixos, para alfabetizar o docente deve rever os seus conceitos e práticas para estar aberto a assumir uma postura de transparência, clareza naquilo que ensina. Visando o exercício pleno da formação do indivíduo aprendiz, deve agir como um mediador, considerando que: o ensino deve ser sistemático e problematizador; a leitura e a produção textual deve ser introduzido desde o início da Educação Básica, contanto com a presença dos diversos gêneros textuais; o aluno deve ter contato com várias áreas do conhecimento; deve trabalhar com cuidado e ludicidade é imprescindível para com as crianças.

2.1 Literatura como direito de aprendizagem no PNAIC

O pacto dispõe no seu caderno 1, unidade 1 de um quadro que ressalta sobre os direitos gerais de aprendizagem na área de Língua Portuguesa. Um dos pontos pertinentes para a nossa pesquisa discorre que se deve “Apreciar e compreender textos do universo literário (**contos**, fábulas, crônicas, poemas, dentre outros), levando-se em conta os fenômenos de fruição estética, de imaginação e de lirismo, assim como os múltiplos sentidos que o leitor pode produzir durante a leitura.” (BRASIL, 2012, p.32, grifo nosso).

Assim, a presença das obras literárias é um direito imprescindível no viés da Língua Portuguesa e destacamos os contos dentro desta investigação. Além disso, especificaremos os contos clássicos infantis. Tendo em vista que estimula o despertar da imaginação, incentivando o gosto pela leitura desde pequenos.

3 ENTREVISTA COM UMA PROFESSORA ALFABETIZADORA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE JOÃO PESSOA

Baseado no referencial teórico apresentado, daremos início ao nosso *corpus* de análise. Entrevistamos uma professora com vinte e dois anos de experiência em sala de aula, que leciona a uma turma de primeiro ano do Ensino Fundamental, com alunos na faixa etária entre seis e sete anos, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Aruanda, localizada na cidade de João Pessoa, Paraíba. A entrevista teve por objetivo saber como eram abordava suas aulas de leitura.

A pergunta relacionada a este trabalho foi indagada no segundo semestre de 2015. Pedimos que a docente relatasse como eram as suas aulas envolvendo leitura e discorresse uma experiência importante. Vejamos a seguir.

No primeiro momento, ela relatou a variedade com os gêneros textuais, todavia,



ênfatiou os contos clássicos por chamarem atenção da faixa etária:

“Bem, eu trabalho com vários gêneros textuais. Como eles são crianças de seis e sete anos, o que chama mais atenção são os contos clássicos. Este ano desenvolvemos um projeto aqui na escola com os contos clássicos: *Branca de Neve, Os três porquinhos, A Cinderela*” ...

Seguindo a entrevista, perguntamos como ela trabalhou esses contos clássicos? Ela disse o seguinte:

“E a gente assistiu ao vídeo desses filmes, fizeram a leitura e a releitura desses textos, reescrevendo alguma coisa como o nome dos personagens, ou a parte da história que eles mais gostaram, mas eu trabalho também, cantigas de roda, textos de cantigas de roda, com apresentações das cantigas. Trabalho também, o gênero convite. Na época do São João, por exemplo, eles elaboraram, aprenderam a fazer convite e assim, eu acho que você diversificar os gêneros textuais é que vai chamar a atenção do aluno para a leitura. É a prática social da leitura: ele tem que saber para que serve a leitura.”

Indagamos qual o motivo dela trabalhar os contos clássicos com os seus alunos. A docente discorreu:

“Aqui na escola, este ano, nós retomamos a questão dos clássicos infantis porque a gente observou que algumas crianças não sabiam quem eram Os três porquinhos, A Cinderela, A Branca de Neve, Cachinhos Dourados, A Bela adormecida, eu disse “*Peraí, são clássicos universais!*”

Perguntamos se o modo com os contos clássicos foram apresentados contemplaram o objetivo inicial da proposta? A resposta foi a seguinte:

“A gente fez um projeto, foi um projeto da escola aplicado a todas as turmas de 1º ano. Logo, resgatamos de novo. Agora todos já sabem quem é A Branca de Neve, A Bela adormecida, inclusive nós assistimos à releitura da Bela adormecida, da Disney que é a Malévola, onde ela não é mostrada como a rainha má, é a outra questão por que ela se tornou má? Por que ela fez aquilo com a bela adormecida? Então, a gente trabalha até com essa questão também da releitura dos clássicos. Trabalhamos chapeuzinho vermelho... Tem o *videozinho*, o CD, o DVD “Deu a louca na Chapeuzinho”, isso já é uma releitura da história da Chapeuzinho Vermelho, então a gente vê que algumas crianças chegam na escola sem conhecer essa história e a escola tem esse papel de não deixar a cultura morrer, os clássicos morrer, e esses clássicos que são universais.”

Mediante a análise da entrevista com a professora alfabetizadora, podemos perceber que a presença do Pacto contribuiu com o modo que a

docente elaborava suas aulas, pois, a mesma verificando o desconhecimento das crianças sobre os contos clássicos, buscou despertar o interesse de trabalhar a partir desse gênero, outros em sala de aula. Tornando assim, a leitura como algo significativo e não como mero decodificador.

CONCLUSÕES

A leitura é um fator preponderante na formação do cidadão. Através do processo de desenvolvimento social, desempenha uma ação colaborativa e dinâmica, conquistando uma posição de destaque cada vez mais preponderante com formas múltiplas. Nesse viés, é indispensável examinar o modo que ela está sendo trabalhada em sala de aula, se estão considerando os gêneros textuais para tal ação. Sendo assim, compreenderão seu exercício com um sentido utilitário.

Quando incentivamos desde os primeiros anos, a leitura é adquirida com prazer pelos educandos, não deixando de lado o lúdico porque se torna peculiar ao público alvo. Despertando a curiosidade deles, trabalhando os contos clássicos que embora muitos não conheçam, abrindo tal oportunidade de conhecimento corrobora para o incentivo à leitura. Devemos destacar que o professor exerce um papel fundamental para mediar o gosto de ler. Ele tem a capacidade de orientar o processo de compreensão e interpretação textual, contando com as inferências, fazendo com que o aluno tenha curiosidade e preze pela práxis cotidiana da leitura.

Como educadores devemos acreditar e investir nos educandos o prazer da leitura. Para tanto, precisamos estar mais ligados diariamente a tal prática e as instituições escolares devem permitir que os livros cheguem as casas dos discentes. Diante disso, temos a capacidade de exercer de maneira exequível e significativa o incentivo à Literatura Infantil, tendo em vista que esse hábito deve começar logo cedo, sendo aperfeiçoado na escola e aprimorado durante toda a vida.

Os resultados obtidos nesta pesquisa não são estáticos e acabados. Diante disso, existe muitas peculiaridades a serem analisadas, principalmente ao que diz respeito às práticas de ensino por meio dos contos clássicos infantis. No mais, o presente artigo demonstrou que as aprendizagens mediadas por professores nos anos iniciais corroboram para incentivar o gosto dessa prática de ler que é basilar na formação do ser cidadão.



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: currículo na alfabetização: concepções e princípios: ano 1: unidade 1 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília: MEC, SEB, 2012.

COELHO, Nelly Novaes. “Literatura infantil: arte literária ou pedagógica?” **In:** *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. SP: Moderna, 2000. p.46-49.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. 16.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

KLEIMAN, Angela. Oficina de Leitura: teoria e prática. 11ª Edição, Campinas, SP: Pontes, 2007.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br